

## ARTIGO

### STUART HALL: PROCESSOS CULTURAIS IDENTITÁRIOS, AS TEORIAS FEMINISTAS E A EMERGÊNCIA DA QUESTÃO RACIAL

### STUART HALL: IDENTITARY CULTURAL PROCESS, FEMINIST THEORIES AND THE EMERGENCY OF THE RACIAL QUESTION

OLGA CABRERA\*

ISABEL IBARRA\*\*

#### RESUMO

O conceito *identidade* tem sobrevivido a várias crises conceituais, inclusive à chamada *crise dos paradigmas*. Não é possível pensar a práxis política nem a subjetividade individual sem acudir a esse conceito. O imigrante caribenho na Inglaterra Stuart Hall tenta uma atualização desse conceito, através do diálogo com as obras teóricas do feminismo, sobretudo de Judith Butler. Neste artigo, abordamos as reflexões do autor em torno das conseqüências, para o conceito de *identidade*, dos questionamentos, sobretudo aqueles procedentes do feminismo, sobre a formação das identidades e a negatividade das tendências totalizadoras e da busca das origens. No diálogo de Hall com outros autores, é possível perceber as contribuições das teóricas feministas para o desenvolvimento dos estudos sobre a questão racial e o racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Stuart Hall, formação de identidades; feminismo; questão racial

#### ABSTRACT

The *identity* concept has survived several conceptual crisis, including the so-called *paradigms crisis*. It is not possible to think of the political praxis or of the individual subjectivity without appealing to that concept. A Caribbean immigrant in England, Stuart Hall tries to an update that concept through the dialog with the feminist theoretical works, especially those of Judith Butler. In this article, we approach the author's reflections on the consequences, to the *identity* concept, of the questionings, especially those originating from the feminism, about the constitution of identities and the negativity of the totalizing tendencies and of the search for the origins. In the Hall's dialogs with other authors, it is possible to realize the contributions of the feminist theorists for the development of studies on racial issues and racism.

**KEYWORDS:** Stuart Hall; constitution of identities; feminism; racial issue.

## Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970, as feministas, inquirindo sobre as relações entre patriarcalismo e subordinação da mulher, penetraram nas possibilidades da Psicanálise, tema que se tornou objeto de uma vasta produção crítica depois de Freud. Esses avanços teóricos desembocaram num questionamento dos padrões culturais e terminaram quebrando a força da cultura como uma estrutura imutável e essencialista, apenas definida nos termos do ser, da ontologia. Naquelas décadas, o estruturalismo – que havia exercido uma grande influência sobre os estudos históricos, sociológicos, linguísticos, antropológicos e outros – começou a sofrer os primeiros embates.

No ano de 1968, Richardt Hoggart, Eric Williams e Stuart Hall (este último convidado pelo primeiro), fundaram o *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) em Birmingham, Inglaterra. Foi um tempo fértil para os debates nas Ciências Sociais e Humanas, marcando o auge da História Social inglesa, que, na época, introduzia as discussões sobre cultura, com a obra de Edward Thompson.

Na década de 1970, o Centro de Estudos Culturais passou a ser dirigido pelo imigrante jamaicano negro Stuart Hall. O trabalho intelectual de Hall esteve orientado pelas suas experiências caribenhas de vida, o que explica a sua busca por respostas para a problemática da raça, em sua relação com a cultura.

No ano de 1974, quando Stuart Hall estava na direção do Centro, formou-se dentro deste um pequeno grupo de feministas que publicou algumas acusações contra Hall, contrapondo-se gravemente aos acadêmicos homens do Centro, especialmente a ele, como diretor.

As afirmações das feministas, no entanto, revelam-se contraditórias, se considerarmos que Hall valorizou as teorias feministas e sua eficiência para o desenvolvimento do tema racial, campo no qual concentrou suas atividades. A problemática da raça anunciava outros rumos que, em outras partes do mundo, algumas figuras tentavam percorrer e que, no Centro, teria ressonâncias, devido à presença de Hall.

### **Os estudos feministas no Grupo de Estudos Culturais de Birmingham. A emergência de diferenças de gênero e sexo?**

O Centro de Estudos Culturais de Birmingham surgiu em 1964 e se encerrou em 2002, quando Hall já havia se transferido para outra instituição, embora sua obra continuasse vinculada ao Centro. Tendo sido um de seus mais influentes diretores, Hall deixou o Centro desde finais do século XX (morreu aos 82 anos, no dia 10 de fevereiro de 2014). Sua obra é objeto de debates e reflexões que transcendem as fronteiras acadêmicas da metrópole inglesa, principal lugar em que desenvolveu seu trabalho acadêmico, e as da Jamaica, país caribenho onde nasceu.

Na década de 1970, quando o Centro de Estudos Culturais passou a ser dirigido por Stuart Hall, formou-se o referido grupo feminista dentro do Centro. A publicação do primeiro livro das feministas<sup>1</sup> evidenciava a exposição das diferenças com os acadêmicos (homens) do Centro, ainda mais agudas aquelas mantidas com seu diretor, Stuart Hall. Essas diferenças se situavam na expressão das ideias e nas práticas hierárquicas masculinas por parte de Hall, tal como descritas no livro das feministas, ou tiveram outras origens? Essa questão

tem alguma relevância, pela incidência do tema de gênero nas reflexões teóricas de Hall.

As contradições entre o *Women's Studies Group* de Birmingham e Hall foram amplamente explicitadas no primeiro artigo da primeira antologia publicada pelo grupo, mencionada antes. Parece paradoxal, à primeira vista, quando reconhecemos que a flexibilidade do conceito de cultura de Hall continha inúmeras possibilidades para o diálogo com as feministas. Sem dúvida, a literatura feminista foi beneficiada pela flexibilidade que o conceito de cultura adquiriu ao incorporar temas deixados à margem da sociedade, como o de raça.

Destarte, autorizava-se dismantelar o princípio hierárquico do poder patriarcal. Entretanto, de sua posição como integrantes de um movimento político, as feministas precisaram de uma totalidade que justificasse o poder feminino dentro da prática de mobilização que abrangia, em primeiro lugar, o espaço do próprio Centro de Estudos Culturais, integrado majoritariamente por homens. No caso das feministas do grupo, faltou, parece-nos, fazer a autocrítica das tendências totalizadoras que elas mesmas haviam criado. Conforme Butler,<sup>2</sup> “a crítica feminina deve explicar as afirmações totalizadoras de uma economia significativa masculina, mas também deve ser autocrítica a respeito das ações totalizadoras do feminismo”.

Seguindo o argumento colocado pelas feministas contra Hall, este as tinha atacado, ao afirmar no artigo *Cultural studies and its theoretical legacies*,<sup>3</sup> que “houve ao menos duas interrupções no trabalho do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos: uma provocada pelo feminismo e a outra pelos temas de raça”. Nesse comentário, ele está se colocando

no mesmo saco das feministas, admitindo que ele próprio compartilhava a responsabilidade pelas “interrupções” ocorridas. Portanto, pensamos, como ele mesmo confirmou em várias outras ocasiões, que Hall considerava tais interrupções positivas para o Centro, não negativas. Esse comentário rendeu a Hall a acusação, pelo grupo feminista, de ser paternalista.

A leitura do artigo de Hall<sup>4</sup> não nos revela essas implicações das quais ele foi acusado pelas feministas. No artigo, o autor reitera os aportes das feministas para o Centro, “por ter expandido a noção de poder ao aproximá-la de questões de gênero e sexualidade, ter aberto o debate sobre a subjetividade e o sujeito e, finalmente, ter reaberto as portas à psicanálise”. Não temos conhecimento de uma versão anterior desse artigo – se existe não foi divulgada.

Assim, apesar da crítica das feministas, pensamos que Hall foi sincero no reconhecimento dos méritos destas, porque ele sempre reconheceu como explicaria em vários momentos de sua obra, que suas reflexões teóricas se apoiaram nos aportes feministas. Ainda que num momento de agrura, chegou a questionar no debate, se essas contradições não tinham como causa a luta pelo poder no âmbito do Centro.

O que estava em jogo nessa polêmica entre Hall e as feministas? Que fatores podem esclarecer essa contradição? Ao que parece, como diretor do Centro de Estudos Culturais, ele acreditou que a criação de uma instituição de caráter restrito às mulheres, como o Foro de Mulheres, fundado pelo Grupo, poderia ser contrário ao espírito de unidade política e administrativa previsto para o Centro. Porém, houve

também alguma contradição em torno da iniciativa de Hall de convidar teóricas feministas estrangeiras ao Centro. O grupo feminista manifestou-se contrário a essa sugestão de Hall.

A publicação feminista de 1978, mencionada antes, faz uma citação das palavras de Hall, da qual o autor faz um comentário no texto do ano de 1996, muito depois de ser publicada a obra das feministas. Imaginamos ter sido proferida durante algum debate interno do Centro. Para o sentido do humor inglês, a saída do caribenho poderia parecer fora de uma lógica de respeito à igualdade nas relações de gênero: “... it's not known generally how and where feminism first broke in. ...As a thief in the night, it broke in; interrupted, made an unseemly noise, seized the time, crapped on the table of cultural studies”.<sup>5</sup> Não restam muitas dúvidas de que, entre as contradições das feministas dentro do Centro, tem maior peso a luta legítima destas (e por que não?) por conquistar maior ascendência que pelo debate de alcance teórico. Além disso, não há, na obra de Hall, manifestação alguma contra as teorias feministas. Por isso, consideramos um contrassenso argumentar que Stuart Hall tenha tido incompreensões teóricas antifeministas, considerando-se que ele foi reconhecido pela mais destacada teórica ocidental dessa orientação, Judith Butler, como uma exceção dentre os teóricos masculinos,<sup>6</sup> pela sua aproximação e compreensão das teorias feministas.

Hall reconheceu amplamente os aportes da obra de Judith Butler.<sup>7</sup> Na introdução, intitulada “Quien necesita de identidad?” da obra, de autoria compartilhada com Paul de Gay, *Cuestiones de identidade cultural*<sup>8</sup> destaca-se o comentário de Hall sobre as obras de Judith Butler. Hall vislumbra na teoria feminista a potencialidade para se compreender

de forma mais ampla o dinamismo do processo de formação de identidades, o “tornar-se” do sujeito e da coletividade. Nesse processo, participam o discurso normativo e regulador, tal como vinha apontando Foucault na sua obra, assim como o psíquico do indivíduo. Mais importante ainda, assinala Hall, é a tentativa de Judith Butler de articular com sucesso essas duas dimensões na performatividade. Os estudos culturais, tal como abordados por Stuart Hall, rejeitam a visão da cultura como totalidade (seja esta a síntese hegeliana ou ainda a marxista). No lugar de uma unidade homogênea e terminada o conceito que vai explicitar a identidade é mais epistemológico, se detêm no processo. Assim a cultura não é um objeto terminado, é o “tornar-se” do objeto, é o processo --que se pretende identitário-- do sujeito e dos coletivos sociais. Os resultados desses processos são sempre condicionais, inacabados; fogem dos âmbitos do ser, de sua completude e essencialidade para aceder aos do conhecimento com todas suas dúvidas e questionamentos. Hall, segundo seu próprio testemunho, alcançou essa compreensão da dimensão e complexidade da cultura nos seus estudos raciais e através do diálogo com as teorias feministas.

### **A incidência das teóricas do gênero nos estudos culturais e raciais de Stuart Hall**

Em entrevista concedida no Brasil a Heloísa Buarque de Hollanda, Hall descreveu o contexto do nascimento dos estudos culturais, “relacionados a outros movimentos da época, como as políticas de cultura, o feminismo, os estudos multiculturais e os estudos pós-coloniais, enfim, a uma enorme gama de novos trabalhos críticos nas

ciências humanas. Vejo os Estudos Culturais como um poderoso fio nessa trama”.<sup>9</sup>

Se importantes foram as discussões em torno da cultura que estimularam os movimentos da época, como assinalou Hall, muito mais contribuiria à teoria o deslocamento que sofreu o conceito de cultura, de seu centro metropolitano a espaços “outros”, com a incorporação dos estudos raciais. A postura de Hall no âmbito dos estudos culturais de Birmingham tem que ser analisada desde essa perspectiva que ele próprio deixou esclarecida, no seguinte comentário em entrevista a Drew:<sup>10</sup>

Quando decidi que não ia participar na tentativa de policiar as fronteiras dos estudos culturais, fui para áreas substantivas novas: voltei para questões de raça. Achava que era mais importante contribuir para uma área específica de trabalho em estudos culturais do que responsabilizar-me pelos rumos do campo.

Essa estratégia de Hall responde não apenas à atitude de dialogar com as múltiplas teorias que surgiam no Ocidente, mas também àquelas contestatórias formuladas fora dos marcos da filosofia ocidental, como acontecia naqueles anos com os estudos subalternos ou pós-coloniais (tanto dos indianos quanto dos caribenhos).

Sem dúvida, sua condição de imigrante negro do Caribe e, portanto, sua posição entre dois mundos – a colônia e a metrópole – possibilitava-lhe olhar criticamente a tendência de apresentar uma história e uma cultura particulares como universais hegemônicos, com o fim da imposição de novos conceitos para sua aplicação a contextos “outros”, os deixados fora ou/e hierarquicamente inferiores. Daí o uso nada inocente da palavra *policar* na cita anterior, cujo alcance dominante salta à vista.



Na entrevista a Heloisa Buarque de Hollanda,<sup>11</sup> ao se referir às suas primeiras inclinações literárias, Hall revelou esse interesse pelo “outro”, devido à sua identidade caribenha, quando passa a inquirir além do olhar particular inglês dos literatos do império colonial:

Comecei a perceber que estudar literatura requeria, sobretudo, o entendimento de um contexto histórico e cultural mais amplo. Como entender Dickens? A Inglaterra, como nação imperial, como país industrial, afinal o que estava no âmago da grande literatura que estudava? Ainda antes de me graduar, já me colocava essas questões. Comecei também a me envolver com jovens autores caribenhos que chegavam a Londres como, por exemplo, George Lamming, V. S. Naipaul. Naquela época, eu conheci muitos deles, trabalhei com eles escrevendo um programa de rádio para a BBC, o Caribbean Voices, sobre a literatura no Caribe. Me interessava muito também pelo que se produzia no Caribe. Quando entrei para a pós-graduação, pensei: O que preciso fazer é entender a diferença entre a cultura caribenha, de onde eu vim, e esta outra cultura que produz textos magníficos, mas que são estudados de forma isolada, dentro de um cânone. Isso me trouxe de volta para o Caribe. Os Estudos Culturais para mim começaram, portanto, com meu interesse nas culturas diaspóricas do Caribe. Foi aí que deslizei da literatura para a cultura.

Como explicitou mais adiante nessa mesma entrevista: “Neste sentido, as diásporas são, sobretudo, um extraordinário laboratório cultural onde as tentativas de sobrevivência e as contra-negociações são trabalhadas”<sup>12</sup>.

O mais importante texto de Hall, que permite aquilatar a influência que exerceram os estudos feministas sobre sua produção teórica, foi a introdução, já mencionada antes, publicada em inglês no

ano de 1996 e reeditada para a edição em espanhol de 2003 da obra *Cuestiones de identidad cultural*, sob o título “¿Quién necesita de identidad?”.<sup>13</sup> Alguns anos antes, Judith Butler publicava sua obra crítica.<sup>14</sup> Esta, segundo o testemunho de Hall, exerceu nele uma influência sem precedentes.

A importância de Judith Butler radica não apenas na desconstrução dos movimentos feministas que outros/as autores/as tinham tentado antes, dentre os quais convém lembrar Gayle Rubin.<sup>15</sup> Esta última autora também submeteu os conceitos de *gênero* e *sexo* à condição de construtos, orientando-os como mediadores epistemológicos. Judith Butler aprofundou a crítica às leituras que os reduziram a simples símbolos – em alguns casos, linguísticos, e em outros, da Psicanálise pós-freudiana (Lacan foi muito influente entre as feministas francesas). Em sequência, a autora compreende que os seguidores do discurso normativo e regulador<sup>16</sup> também mantêm uma presença nesse cenário teórico.

A diferença entre Judith Butler e outras feministas é sua contextualização dos conceitos feministas, sem em nenhum momento ter a pretensão de colocar sua teoria como válida para qualquer contexto espacial ou temporal. Para ela um dos graves erros das feministas ocidentais radica na sua ambição de ir além de suas fronteiras contextuais, quando, de fato, suas teorias têm um alcance limitado. Ela se preocupou, inclusive, com a noção de patriarcado e sua conversão num conceito universal que poderia suprimir ou restringir articulações claras de assimetria entre gêneros, em diferentes contextos culturais. Para

concluir este aspecto, a autora não apenas desconstrói a teoria ocidental, mas delimita seu uso ao espaço cultural do Ocidente.<sup>17</sup>

Não é coincidência que a ênfase da produção de Hall sobre raça e etnia tenha começado com a crítica ao racismo político na Metrópole. Como mencionado antes, sua obra foi desenvolvida principalmente na década de 1990, quando o autor se alinhava, de forma explícita ou não, às ideias que projetavam sua crítica às teorias ocidentais. A episteme ocidental, isto é, o subjacente espiritual que abrange os “outros” de qualquer espaço e tempo, é fortemente questionada.

Em fins do século XX e nos primeiros anos do novo milênio, emergem as mais importantes produções que debatem as hierarquias sexuais e de gênero ocidentais. Liv Sovik, reconhecida especialista no pensamento de Stuart Hall, afirma, na introdução da obra de Hall publicada com um grande sucesso editorial no Brasil, que “a partir dos anos 90, a questão do racismo e da diáspora, sobretudo a africana no Novo Mundo e, em um segundo movimento, na Europa, é central para a produção de Hall”.<sup>18</sup>

O próprio Hall tentou criar um vínculo entre sua produção de fins da década de 1970 com a sua virada teórica acontecida na década de 1990. Assim, ele comenta o “deslocamento” produzido na sua produção intelectual desde antes de 1990:<sup>19</sup> “as questões de raça, a política racial, a resistência ao racismo, questões críticas da política cultural (colocadas na agenda dos Estudos Culturais), representaram uma virada decisiva no trabalho intelectual e teórico”.<sup>20</sup> Foi a partir de 1990, quando já estava fora da Universidade de Birmingham, que sua produção intelectual sobre o tema racial atingiu seu ápice.

A partir do estudo de Judith Butler sobre a formação do gênero e do sexo nas condições de hierarquização criadas pelo colonialismo, Hall passou a orientar seus estudos raciais. Assim, procurou se aproximar às teorias dos estudos feministas para compreender o processo de formação racial, do racismo e suas derivações. Para ele, a importância da teoria de Judith Butler se baseava principalmente na orientação crítica endereçada à desconstrução da economia significativa masculina, no entanto mantinha a autocrítica a respeito das ações totalizadoras do feminismo: “A ação colonizadora não é primordial ou irredutivelmente masculina. Pode criar distintas relações de subordinação racial, de classe e heterossexuais, dentre muitas outras”.<sup>21</sup>

Esse cuidado da autora que visava possíveis outros, além de oferecer uma solução ao dilema criado pela teoria de Foucault com a subordinação unilateral do sujeito ao discurso, aproximava-se, finalmente, à articulação do discurso com a subjetividade. Hall reconhece que, frente às interpretações da normatividade foucaultiana, a influência da Psicanálise das feministas francesas, principalmente Monique Wittig<sup>22</sup> contribuiu para o estudo do papel da subjetividade, que havia sido negligenciado e subestimado por Foucault,<sup>23</sup> o qual considerara inconsistentes as teorias que desenvolveram o papel dos processos inconscientes na formação das identidades individuais e coletivas.

Em sequência, as abordagens de Judith Butler foram privilegiadas por Hall nos seus estudos. Nessa autora, ele destaca, como mencionado antes, a articulação entre Foucault e a Psicanálise, e, sobretudo, seu aprofundamento na performatividade, importante elemento nessa articulação. Nesse sentido, Hall considera as obras *Gender*

*troubles*<sup>24</sup> e *Bodies that matter*<sup>25</sup> fundamentais para a reflexão de outras possíveis relações sociais.

Nos aspectos relativos ao gênero e ao sexo, Butler<sup>26</sup> explicitou que “Gênero não é um substantivo nem também um conjunto de atributos vagos, o efeito substantivo do gênero se produz performaticamente e é imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero”. Em outra parte de sua obra, já um clássico para os estudos de gênero, afirma que são os distintos atos de gênero que produzem o conceito de gênero e sem tais atos não haveria nenhum gênero.<sup>27</sup> Em *Bodies that matter*,<sup>28</sup> reitera e desenvolve ainda mais a questão relativa à construção, nesse caso do sexo e sua relação com a materialidade do corpo.

Para Hall, se o discurso do feminismo, influenciado pela Psicanálise, desenvolveu a questão da subjetividade e seus processos inconscientes de formação, foi o “eu incessantemente performativo” a mais importante contribuição de Judith Butler, criando expectativas para o estudo das questões de raça e de etnia.<sup>29</sup>

A “assunção do sexo, no caso usado por Butler, é articulado à identificação e aos meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual permitiu certas identificações sexuadas e impediu ou desaprovou outras”.<sup>30</sup> Para Hall, é esse encontro entre a Psicanálise e a teoria do discurso foucaultiana, acompanhados da performatividade, que constitui o toque de maior produtividade para a formação identitária dos sujeitos, tanto feminino quanto racial. Hall insiste na limitação do texto de Foucault ao deixar de fora como a formação psíquica do indivíduo atua nesses processos repetitivos do discurso normativo, criando, por sua

vez, espaços de exclusão do “outro”, dos “sujeitos abjetos e marginalizados, mas sem os quais não pode existir o “eu”.

Hall pergunta se o fato de a Psicanálise privilegiar a “diferença sexual” e a primeira infância poderá limitar seu valor explicativo no que concerne à possibilidade de ajudar a compreender as dimensões psíquicas de fenômenos sociais do racismo. Como se articulam a “ordem simbólica” e a ordem social na formação do sujeito? Em outras palavras, como deve se teorizar o vínculo entre a realidade social e a realidade psíquica?<sup>31</sup>

Em relação à crítica das identidades realizada por Butler,<sup>32</sup> e que James Souter<sup>33</sup> questiona, Hall admite que seus limites não foram analisados. Embora esse critério de Hall parece desconhecer que Judith Butler não abandona o conceito identidade e com ele sua necessária construção – que, como a própria autora assinala, seria a negação a qualquer ação política –. No entanto questiona o dominante (totalitário) que provoca exclusões por estar baseado na hierarquização. O paradoxo, segundo Butler,<sup>34</sup> é que a identidade feminina “baseia-se na exclusão de mulheres ‘diferentes’ [...] e na priorização normativa das relações heterossexuais como fundamento da política feminista”.

O problema da identidade cultural ou da identificação – como Hall prefere denominar –, tendo um caráter temporário e condicional, continua constituindo uma urgência, considerando as imposições coloniais históricas e culturais. É precisamente, esse aspecto de relatividade do conceito que torna o estudo de *Gender troubles* e *Bodies that matter* de grande importância pelas possibilidades epistemológicas para outras análises, como as raciais. A identificação, acredita Hall, deve ser

pensada como uma opção política, quer dizer, pensada para um futuro por construir, embora não possa nem deva ser abandonada.

A pergunta que ele se faz não é quem somos, mas como podemos nos representar e nos transformar. Nesse terreno, as feministas tinham percorrido um longo caminho na busca pela representação das mulheres, sujeitas ao discurso dominante masculino. A questão radica no feminino “outro”, constituído fora dos limites do mesmo masculino, como uma marca. Sem ele também não tem sentido a existência do masculino.

A intertextualidade com o texto de Laclau<sup>35</sup> lhe autoriza ampliar essa outra marca ao negro, neste caso constituído pelo branco: “Mulher e negro são então marcas (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não marcados de homem e de branco”. Perante essas unidades totalizadoras, que podem se constituir a partir das identidades, resultados de processos sobre uma base fechada e totalitária masculina e branca, Hall propõe, a partir de Judith Butler, pensar na formação da subjetividade pós-colonial racializada e de gênero.

Tem-se que admitir, porém, que, até a abordagem de Butler, essa possibilidade de construção performática – tanto de gênero quanto de raça e outras – das marcas constituídas fora (à imagem e semelhança do conceito totalitário e dominante), a partir dos resultados de expressões de um quefazer reiterativo (performativo), não haviam emergido nas teorias precedentes.

A aproximação de Hall com a obra de Butler tem sido relevante pelas possibilidades teóricas que esta ofereceu para a abordagem do tema racial, sobretudo o processo de materialização mediante a teoria

performativa da linguagem e do sujeito. Essa performatividade não se baseia na busca da origem, da gênese como a instância de substantivação do sujeito, mas no seu poder repetitivo do ato no discurso (a performatividade da linguagem) o que provoca a produção dos fenômenos que regulam e constroem.<sup>36</sup> Como sublinha Hall, esse é o fundamento da teoria de Butler, passível de ser utilizado para estudar os processos de formação do/a negro/a.

Esse olhar teórico de Hall encontra-se também entre os teóricos caribenhos, assim como nas narradoras cujo espaço de ficção é o Caribe. Porém, não há interlocução entre eles.

### **A emergência da literatura e da teoria no Caribe – escassa presença nos textos de Hall**

Há um aspecto que nos intriga nos textos de Stuart Hall. Apesar de se reconhecer caribenho, chama-nos a atenção o fato de ele mencionar muito pouco as figuras, tanto caribenhas quanto indianas e africanas, que desenvolvem seus trabalhos fora dos espaços metropolitanos, ainda que haja uma coincidência das suas posições teóricas com as daquelas.

A leitura simultânea da produção caribenha desse mesmo período – da década de 1960 em diante e, sobretudo, da de 1990 (Edouard Glissant,<sup>37</sup> Wilson Harris,<sup>38</sup> Silvia Winters e as narradoras feministas cujo espaço de “ficção” continua sendo o Caribe, como Jamaica Kincaid, Maryse Condé, Simone Schwarz Bart, dentre outras) – revela uma visão epistêmica questionadora da pretendida universalidade ocidental.



A produção caribenha se aproxima das posturas teóricas dos estudos subalternos ou pós-coloniais indianos – Radanjit Guha<sup>39</sup> e a mais destacada teórica questionadora do feminismo ocidental, Gayatri Chabrovski Spivak<sup>40</sup> –, assim como alguns/mas africanos/as, dentre os/as quais se destacam Diop<sup>41</sup> e, mais recentemente, uma mulher, Ifi Amadiume.<sup>42</sup> Em sequência, para essa produção de teóricos não ocidentais, as teorias produzidas no Ocidente têm como finalidade manter o domínio de interpretação universal mediante a desconstrução crítica de alguns de seus conceitos, mas criando outros nos temas/sujeitos orientados para, supostamente, subverter o Ocidente. Assim, deixam intactas, sem alterar as fronteiras da filosofia ocidental nos seus sentidos hierárquicos e hegemônicos.

O maior volume de produção nessa temática está endereçado ao questionamento da pretensa universalidade da teoria ocidental. Inúmeros estudos críticos feministas no Ocidente têm o propósito de penetrar o campo “outro” com essas interpretações. Sobre esse tema, afirma Spivak:<sup>43</sup>

Alguns dos mais radicais enfoques críticos nascidos no Ocidente na atualidade procedem do desejo interessado de conservar o sujeito de Ocidente assim como está, ou conservar o Ocidente como o único sujeito e tema. A teoria dos “efeitos de sujeito/tema” pluralizados provoca a ilusão de socavar a soberania do sujeito, no entanto correntemente o que faz é servir de cobertura para a sobrevivência desse mesmo sujeito/tema de conhecimento. Ainda a história de Europa como sujeito/tema está narrativizada na lei, na economia política e na ideologia ocidentais. Este sujeito/tema omnipresente e latente pretende não possuir “determinações geopolíticas”. A também publicitada crítica da

soberania do sujeito, portanto, funda-se, na realidade, num sujeito, num único tema.

Como assinalado, os textos de Hall revelam seu diálogo com teóricos imigrantes caribenhos e asiáticos na Inglaterra, mas é também perceptível uma ausência, como mencionado antes, de autores de grande prestígio, cuja atuação se desenvolve principalmente nos espaços coloniais ou pós-coloniais. Não deixa de despertar interesse o fato de que, ainda que as ideias de Hall dialoguem com as desses teóricos, ele não os menciona nunca.

Esse é o caso de Wilson Harris,<sup>44</sup> cuja obra literária e ensaística tem uma relevância para estudiosos da raça, como Maria Diedrich, Louis H. Gates e Carl Pedersen,<sup>45</sup> assim como Bhabha,<sup>46</sup> muito conhecida no Brasil e bastante utilizada por Hall. Na Introdução da obra *Black imagination and the middle passage*, os editores declaram se apoiar nas propostas de Wilson Harris para entender a conversão do africano em negro, como um novo sujeito da história<sup>47</sup>.

Quando questiona a universalidade do pensamento ocidental, Hall escreve que não é suficiente a desconstrução das totalidades, visto que, antes de tudo, tinham que ser destruídos os paradigmas que as sustentam. A partir dessa ideia, o autor introduz novamente o tema da identidade, e é interessante que, ainda quando recorre a Bhabha<sup>48</sup> para localizar a formação de uma identidade que sempre resulta abortada na fronteira da diferença, não menciona Harris, cujos aportes para a criação da ideia do “terceiro espaço” são muito conhecidos.

Nas obras literárias e ensaios de Wilson Harris, percebe-se a ideia da construção para entender o processo de formação do negro.<sup>49</sup> Para Harris, há uma infinita instabilidade nesse processo, nunca se

alcançando uma performance final, pois o resultado é sempre apenas um projeto, como também assinala Glissant. Essa fórmula, utilizada na narrativa de Harris, combina os tempos do passado e do presente de um acontecimento sob formas diversas. O espaço do meio, terceiro espaço ou fronteira cultural corresponde ao conceito de entrecruzamento cultural e espaço matriz.<sup>50</sup>

A proposta de Harris conduz à desconstrução ou destotalização dos modelos fixos coloniais, que funcionam no âmbito do paradigma através do qual foram gerados. Ainda que Hall coloque o exemplo de Derrida<sup>51</sup> da dupla escritura despejadora e despejada, bem poderia ter aludido a Wilson Harris. Nesse sentido, pode ser que a exploração teórica de Hall apresente algumas diferenças em relação à obra de Butler. Pelo menos é o que parece, quando analisamos o comentário de Hall<sup>52</sup> sobre Fanon.

Mencionado amplamente por Butler, Greg Thomas<sup>53</sup> questiona a subordinação de Fanon aos marcos de interpretação helenística ocidental. Ainda há certa generalização crítica de Greg Thomas (2007) sobre Fanon que deve ser analisada com mais cuidado. Porém, o que chama a atenção, no caso da crítica a Fanon de Greg Thomas que coincide com a de Michelle M. Wright,<sup>54</sup> é essa fixidez na visão ontológica do sujeito negro que se mascara como branco. Quer dizer, não é analisado o processo epistemológico de formação de identidade, amplamente debatido entre os teóricos caribenhos. Nessa questão fundamental presente na reflexão teórica de Hall, fica abortada sua abordagem do martiniquenho. Hall não desestima totalmente a interpretação de Fanon, não se adere, em nenhum momento, às

interpretações que colocam o autor atrelado à teoria ocidental: “pese a Fanon todavia devem empreender-se muitos trabalhos sobre a constituição do outro racializado no domínio psíquico”.<sup>55</sup> Faltou a Hall, pensamos compreender que é impossível como estudado por Thomas, Wright e os teóricos e narradores/as caribenhos/as, alcançar um eu negro autônomo a partir dessa concepção ocidentalizada de Fanon sobre o sujeito negro. Nessa obra específica, Fanon não rompeu com os rígidos marcos da representação que desse outro racializado faz a filosofia ocidental, tal como pode ser comprovado com a leitura da obra *Pele negra, máscaras brancas*.<sup>56</sup> Porém, em outra de suas obras, *Os condenados da terra*<sup>57</sup> apresenta uma abordagem mais liberada dos restritos marcos da teoria de Ocidente.

O que mais sobressai dessas reflexões teóricas de Hall é que ele faz o caminho mais difícil de transitar pela epistemologia que explica o processo de formação do gênero e do sexo. Por essa complexa via, o autor pretende conhecer os possíveis processos de formação da raça. No entanto, ele não estuda – ou, pelo menos, não menciona – os ensaios e narrativas de caribenhos que vieram abordando os processos de formação da raça ou o tornar-se negro.

Como mencionamos antes, há vários autores/as caribenhos/as que se interrogam sobre esses processos e, sem dúvida, sobressai dentre eles Wilson Harris. Como exemplo, é suficiente a leitura de uma de suas primeiras obras *Palace of the Peacock*,<sup>58</sup> na qual já os temas da diferença racial e da formação da identidade negra são enunciados. Acrescento que, em obras posteriores, a formação da diferença racial, num terceiro espaço de entrecruzamento cultural, foi muito mais desenvolvida.

A ausência dos teóricos caribenhos na reflexão de Hall pode ter sido um obstáculo para os seus estudos sobre as questões raciais. A leitura da obra *Black imagination and the middle passage*, sobretudo os capítulos da introdução e o dedicado à dança no barco negreiro, são exemplos das possibilidades de entender, com o apoio teórico da narrativa de Wilson Harris, tanto as potencialidades para a formação do/a negro/a autônomo/a na permanência de performances africanas (instância de negociação inevitável para a tripulação branca, a dança negra), durante a viagem pelo Atlântico Negro, quanto à violência das normatividades reguladoras baseadas na hierarquia racial.

A conclusão inconclusa das ideias de Hall sobre a formação de identidades é uma característica do estilo e da reflexão teórica do autor. Com certeza, o artigo, intencionalmente, deixa muitas portas sem fechar, abertas à inquirição teórica. A aproximação do autor com as obras de Judith Butler se apoiou na ideia de um projeto de reflexão, visando os possíveis caminhos para as identificações raciais e para a luta contra o racismo. Independentemente das leituras incluídas e das excluídas ou, simplesmente, daquelas não incorporadas à sua reflexão teórica, concordamos com Hall quanto ao fato de ser esse um assunto “de significação política que provavelmente só será promovido quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ das identidades, e a sutura do psíquico e do discursivo, em sua constituição, se reconheçam de maneira plena e inequívoca”.<sup>59</sup>

## Referências

AMADIUME, I. **African matriarchal foundations**: the case of igbo societies. London: Carnal House, 1987.

DIOP, C. A. **Black Athena**. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Tomos I e II. New Brunswick: Rutgers University Press, 1991.

GLISSANT, E. **Poétique de la relación**. Paris: Gallimard, 1990.

HALL, S.; CRITCHER, C.; JEFFERSON, T. et. al. **Policing the crisis**: Muggin, the State, and Law and Order (Critical Social Studies). Second Edition. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

RUBIN, G. La Trata de Mujeres: Notas sobre la economía política “del sexo”. **Nueva antropología**, vol. VIII, nº 30, México, 1986.

## Notas

---

\* Doutora em História, professora convidada UFMA, bolsista CAPES- Senior. E-mail: [olgarosacgarcia@gmail.com](mailto:olgarosacgarcia@gmail.com)

\*\*Doutora em História, professora do departamento em História e Pós-graduação em História da UFMA. E-mail: [isabelibarra555@hotmail.com](mailto:isabelibarra555@hotmail.com)

<sup>1</sup> **Women take issue**: aspects of women's subordination. University of Birmingham Centre for Contemporary Culture Studies. Women's Studies Group. Hutchinson, 1978.

<sup>2</sup> BUTLER, J. **El genero en disputa**: el feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007. p. 66.

<sup>3</sup> HALL, S. Cultural studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. (ed.). **Cultural studies**. New York: Routledge, 1992. p. 91. Deste artigo, como mencionado, deve existir uma outra versão anterior, porém não foi encontrada.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> **Women take issue**: aspects of women's subordination, op. cit., 1978, p. 145. “Como o ladrão na noite, irrompeu; interrompeu, fez um barulho impróprio, apoderou-se do tempo, cagou sobre a mesa dos estudos culturais.” O comentário de HALL desse fato, foi publicado em Cultural Studies: Two paradigms. In: STOREY, J. (ed.) **What is cultural studies?** A reader. London: Arnold, 1996. p. 269.

---

<sup>6</sup> É bom sublinhar que Stuart Hall não gostava ser chamado de *teórico*, pois se considerava apenas um estudioso que fazia reflexões sobre a teoria.

<sup>7</sup> Está se referindo a obra **Gender Trouble**. Feminism and the subversion of identity. A versão utilizada neste artigo foi: BUTLER, op. cit..

<sup>8</sup> A primeira edição em inglês é de 1996, a consultada foi: HALL, S; GAY, P. **Cuestiones de Identidad Cultural**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 2003.

<sup>9</sup> HOLLANDA, H. Entrevista a Stuart Hall. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-jb-stuart-hall/>>. Acessado em 24/03/2015.

<sup>10</sup> DREW, J. Cultural Composition: Stuart Hall on Ethnicity and the Discursive Turn. Gary A. Olson and Lynn Worsham (eds.). **Race, Rhetoric and the Postcolonial**. Albany, NY: State University of New York Press, 1999. pp. 237-238.

<sup>11</sup> HOLLANDA, op. cit..

<sup>12</sup> idem.

<sup>13</sup> HALL, S; GAY, P. op. cit., 2003.

<sup>14</sup> BUTLER, J. op. cit., 2007.

<sup>15</sup> Gayle RUBIN (1986) realizou uma abordagem às diferenças de gênero que a afastam das feministas adeptas da Psicanálise: “a psicanálise lacaniana é muito útil para lidar com estruturas de gênero e desejo, mas tem seu preço. Eu me preocupava com as tendências totalizantes em Lacan, e com o caráter não-social de sua concepção do simbólico”. Entrevista de Judith Butler a Gayle Rubin. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200008&lng=en&nrm=iso). Acessado em 26/03/2015.

<sup>16</sup> FOUCAULT, M. **Historia de la sexualidade**. La voluntad de saber. México DF: siglo XXI, 2005.

<sup>17</sup> Não é casual que as ideias desenvolvidas na obra de Judith Butler mantenham diálogo com Gayatri Spivak. Assim, afirma Butler, que Spivak “define de forma perspicaz este tipo concreto de explicação binária como um ato colonizador de marginalização”. BUTLER, op. cit., 2007. p. 294.

<sup>18</sup> SOVIK, L. Introdução. HALL, S. **Da diáspora – identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 2.

<sup>19</sup> Lembre-se o livro de Hall **Policing the crisis** (publicado na década de 1970 ainda que a edição consultada é de 2013) endereçado contra a política racial de Margaret Thatcher.

<sup>20</sup> SOVIK, op. cit., 2010, p.10.

<sup>21</sup> BUTLER, op. cit., 2007, p. 66.

<sup>22</sup> WITTIG, M. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Segalés, 2006.

<sup>23</sup> FOUCAULT, op. cit..

<sup>24</sup> BUTLER, op. cit., 2007.

<sup>25</sup> BUTLER, J. **Bodies that matter**. On the discursive limits of sex. London: Routledges, 1993.

<sup>26</sup> BUTLER, op. cit., 2007, p. 102.

<sup>27</sup> Ibid., p. 272.

<sup>28</sup> BUTLER, op. cit., 1993.

<sup>29</sup> HALL, S; GAY, P., op. cit., 2003, p. 3.

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 33.

<sup>31</sup> HALL, S. Cultural studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG; NELSON; TREICHLER, op. cit., p. 142.

<sup>32</sup> BUTLER, op. cit., 2007.

<sup>33</sup> apud HALL, S.; GAY, P., op. cit., 2003, p. 19.

<sup>34</sup> BUTLER, op. cit., 2007, p. 79.

<sup>35</sup> apud HALL, S.; GAY, P., op. cit., 2003, p. 17.

<sup>36</sup> HALL, S.; GAY, P., op. cit., 2003, p. 33.

<sup>37</sup> Glissant (1990) afirma, para questionar a universalização da filosofia ocidental, que esta é um projeto, não um lugar.

<sup>38</sup> HARRIS, W. **Selected essays of Wilson Harris** – the unfinished genesis of the imagination. London/New York: Routledge, 1999.

<sup>39</sup> GUHA, R. **Elementary aspects of peasant, insurgency in colonial India**. Durham and London: Duke University Press, 1999. GUHA, R. A subaltern Studies Reader 1986-1995. London, Minnesota: Minnesota University Press, 1997.

<sup>40</sup> SPIVAK, G.; GUHA, R. **Select Subaltern Studies**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1988.

<sup>41</sup> De Diop (1991) são mais conhecidos os trabalhos centrados no estudo do Egito como civilização negra e africana do que aqueles sobre o matriarcado como outra forma coletiva de institucionalização e de poder e influência na África.

<sup>42</sup> Ifi Amadiume, na obra **Male daughters, female, husband, gender and sex in an African society** (AMADIUME, I. **Male daughters, female husbands**: genre and sex in an African Society. London: Sex Books, 1987. pp. 81-82) afirma existir uma flexibilidade de gênero e do matriarcado nos estudos africanos, totalmente diferente dos caminhos e dos significados de gênero presentes no discurso ocidental.

<sup>43</sup> SPIVAK, G. C. Puede hablar el sujeto subalterno? **Orbis Tertius**, 1998. p. 175.

<sup>44</sup> Deve ser lembrado que o romance *Palace of Peacock* foi publicado no ano de 1960, ainda que a edição consultada seja de 2010.

<sup>45</sup> DIETRICH, M.; GATES, H. L.; PEDERSON, C. **Black imagination and the middle passage**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

<sup>46</sup> BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

<sup>47</sup> DIETRICH, M.; GATES, H. L.; PEDERSON, C., op. cit., 1999.

<sup>48</sup> BHABHA, H. K., op. cit., 2002.

<sup>49</sup> Para Wilson Harris (1999) o conceito de *entrecruzamento cultural* pode provocar que um escritor de cor branca pode ser considerado *black American novelist*, como é o caso de Ralph Ellison, cuja narrativa desestabiliza a configuração dos imperativos territoriais. Assim, Ellison utiliza, por exemplo, as declarações de virtude e direito como provas da propaganda a base de mentiras (HARRIS, 1999, p. 79) “The factors which come together in the *coniunctu* (is the uniting of separated qualities or an equaling of principles) are conceived as opposites, either confronting one another in enmity or attracting one another in love”. Desde a década de 1960, com *Palace of Peacock*, seu primeiro romance, Harris já introduz essa peculiar forma de entender a formação do Caribe com a diáspora negra.

<sup>50</sup> HARRIS, W. op. cit., 1999. pp. 67-123. \_\_\_\_\_. **The Womb of Space: The Cross-Cultural Imagination**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1983. pp. 21-33.

<sup>51</sup> apud HALL, 2003, p. 36



---

<sup>52</sup> HALL, op. cit., 2003, p. 34.

<sup>53</sup> A obra a que tivemos acesso é posterior. THOMAS, G. **The sexual demon of colonial power** – pan African embodiment and erotic schemes of empire. Indiana: Indiana University Press, 2007. pp. 1-23.

<sup>54</sup> WRIGHT, M. M. **Becoming black**. Creating identity in the african diáspora. Durham and London, Duke University Press, 2004.

<sup>55</sup> HALL, S.; GAY, P., op. cit., 2003, p. 34.

<sup>56</sup> FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

<sup>57</sup> FANON, F. **Los condenados de la tierra**. Madrid: AKAL, 2009.

<sup>58</sup> Cuja primeira edição foi no ano de 1960 ainda que a utilizada neste artigo foi a de 2010.

<sup>59</sup> HALL, S.; GAY, P., op. cit., 2003, p. 36.